

Legenda do Bem-aventurado Joaquim de Sena

Introdução

A *Legenda do Bem-aventurado Joaquim de Sena* (1258-1306) descreve os traços mais salientes da santidade de um frade leigo, isto, não presbítero, que ingressou na Ordem em 1272, quando tinha 14 anos de idade, e nela viveu por 33 anos.

O autor é um confrade dele que o conheceu pessoalmente e é uma testemunha ocular da vida simples de uma alma contemplativa, que vive em paz total com o mundo criado. "Os passarinhos vinham pousar em suas mãos e aí ficavam até que ele os pusesse de novo a voar. Junto com eles, louvava o Criador de todas as coisas". E acrescenta autor: "Eu mesmo, que escrevo a sua vida, também fui testemunha disso" (nº 15). Mas é impossível saber quem foi o autor da *Legenda*. Não foi certamente frei Cristóvão de Parma, autor da *Legenda* do bem-aventurado Francisco de Sena, que tem um estilo e uma visão teológico-espiritual totalmente diferente.

A *Legenda* do bem-aventurado Joaquim narra a vida de um frade, cuja fé é impregnada de piedade mariana. Uma piedade toda feita de humildade e obediência, de oração constante, de participação concreta nos sofrimentos do próximo, de afetuosa e delicada comunhão com os confrades da comunidade. Sua morte é o sigilo final do amor que fez deste santo frade uma imagem do Cristo sofredor e glorioso. No dia antes – era Quinta-feira Santa -, frei Joaquim participa da Ceia do Senhor junto com os confrades e partilha com eles um pouco de vinho, que ele toma para alívio de sua fraqueza, mas que já era o memorial da "caridade", cuja fonte é a Eucaristia (nº 18).

Que sua morte tenha ocorrido mesmo na Sexta-feira Santa (nº 18) é um lugar comum amplamente difundido na hagiografia medieval. Mas existe também um documento que comprova esse fato narrado na *Legenda*. Numa carta enviada pelo prior e pelos frades do convento de Sena aos membros do Conselho do Sino da municipalidade de Sena, para convidar as autoridades civis a participar da festa anual em honra do bem-aventurado Joaquim, diz-se que a festa se celebra "todo ano, na segunda-feira depois da Ressurreição". Isso quer dizer que a celebração litúrgica da sua morte não está ligada ao dia do mês em que ocorreu, mas varia segundo a data da Páscoa. A festa, que não podia ser celebrada no tríduo pascal, é adiada para a segunda-feira de Páscoa, vale dizer, para o primeiro dia livre depois da Sexta-feira Santa. Nem a *Legenda* nem outros documentos da época se preocuparam em definir o dia exato da morte do santo homem, que fica assim ligada à Sexta-feira Santa.

Cinco anos depois da morte, segundo a *Legenda*, começa uma série de milagres que vão difundindo sempre mais o culto ao santo. Sua fama espalha-se por outras cidades da Toscana e transpõe os Apeninos, chegando a Bolonha e Forlì.

Os quatorze milagres operados "depois da morte" aparecem como "apêndice" da *Legenda* e, no início, devem ter formado um bloco único com ela. A redação do texto inteiro (*Legenda e milagres*) situa-se entre 1330 e 1335.

Edições

- A *Legenda do B. Joaquim* encontra-se num único códice apógrafo do século XIV da Biblioteca do Vaticano (*Vat. Lat.* 10.187). No século XVIII o códice encontrava-se na biblioteca do convento de São Tiago em Foligno onde foi copiado pelo frei Calisto M. Palombella.

- A *Legenda* foi editada duas vezes por P. SOULIER: em *Analecta Bollandiana*, XII, 1894, p. 383-397, segundo a cópia de frei Calisto M. Palombella; e em *Monumenta OSM*, V, Bruxelles 1902, p. 7-18, segundo o manuscrito da biblioteca vaticana.

- Uma versão italiana de F. M. FIORETTO e E. M. BEDONT, foi publicada em "Studi Storici OSM", 8 (1957-58), p. 164-170, com introdução de P. M. SUÁREZ (p. 162-163) e notas de A. M. DAL PINO. Essa versão foi retomada na obra *Due beati senesi: legende trecentesche dei beati Gioachino e Francesco*, Vicenza 1965, p. 9-20 (Panis Servorum, 7).

- Existe também uma versão em língua portuguesa intitulada *Vida do B. Joaquim de Sena*, em *Servos de Virgem Gloriosa. Legendas Medievais*, trad. frei José M. Milanez, Rio de Janeiro 1955, p. 49-61.

Bibliografia

- A. M. DAL PINO, *Note iconografiche sul B. Gioacchino da Siena e la sua "Legenda"*, "Studi Storici OSM", 8 (1957-58) p. 156-161 (Descrição de uma laje de mármore branco, conservada na pinacoteca de Sena, com três episódios da vida do B. Joaquim: seu ingresso no convento, o milagre da mesa virada, o milagre da vela que ficou em pé. Trata-se dos restos da arca na qual foram conservadas, até o início do século XIV, as relíquias do B. Joaquim na igreja de Santa Maria dos Servos, em Sena). Esse artigo foi reproduzido, com atualização bibliográfica, em F. A. DAL PINO, *Spazi e figure lungo la storia dei Servi di santa Maria (secoli XIII-XX)*, Roma 1997, p. 527-537.

- P. M. SUÁREZ, *Spiritualità mariana dei frati servi di Maria nei documenti agiografici del secolo XIV*, "Studi Storici OSM", 9 (1959), p. 132-133 e *passim*; 10 (1960), p. 1-41.

- P. M. SUÁREZ, *Gioacchino da Siena*, in *Biblioteca Sanctorum*, VI, Grottaferrata di Roma 1965, p. 476-478.

- A. VAUCHEZ, *Ordini mendicanti e società italiana XIII-XIV secolo*, Milano 1960, p. 194-205 (especialmente p. 195, 197-200).

**VIDA E LEGENDA
DO BEM-AVENTURADO CONFESSOR JOAQUIM
DA NOBRE CIDADE DE SENA
DA ORDEM DOS FRADES SERVOS DE SANTA MARIA**

1. Joaquim nasceu na cidade de Sena, de família nobre¹. Desde criança, quando freqüentava a escola, já mostrava uma devoção toda especial à Santa Mãe de Deus. Tudo o que podia tirar às escondidas de sua casa, por amor à Virgem Maria dava-o a quem lho pedisse em nome dela². Ao voltar para casa para tomar as refeições, subia as escadas saudando a Virgem Maria. E o fazia tantas vezes quantos eram os degraus.

Destarte, desde os primeiros anos de vida, esta plantinha de Deus³ começou a dar frutos de bondade. Era um menino de tão boa índole que, acima de qualquer outra coisa, gostava de honrar a Virgem gloriosa. Todos o tinham em conta de santo e, como que antevendo o futuro, comentavam: "Se este menino viver, será grande em santidade".

2. Quando este bom menino alcançou a idade de catorze anos, durante o sono, apareceu-lhe em visão a Virgem Maria, rodeada de anjos e esplendidamente vestida. Ela o chamou e disse: "Filho querido, vem a mim. Sei o quanto me amas; por isso, te recebo para sempre a meu serviço"⁴. Quando acordou, animado por esta visão, tomou a firme decisão de ingressar na Ordem dos Servos de Maria.

Seus pais, mais preocupados com as coisas terrenas do que com os bens celestes, ao tomar conhecimento de sua decisão, tentaram de todos os modos dissuadi-lo do seu propósito. Queriam até mandá-lo para longe, na esperança de que a distância o fizesse mudar de idéia.

3. Ao saber disso, o menino, movido pelo Espírito Santo, refugiou-se no convento dos frades Servos de Santa Maria⁵ e pediu para ser admitido na Ordem. Encontrava-se então no convento de Sena frei Filipe, prior geral da Ordem⁶, luz resplendente, pai de grande santidade e testemunha fiel de Cristo.

Frei Filipe recebeu-o na Ordem e perguntou-lhe com que nome queria ser chamado. O menino, pelo amor que tinha à Virgem Maria, escolheu o nome de Joaquim. Assumindo o nome do pai de Santa Maria, tê-la-ia sempre presente em sua mente e em seu coração. Quando estava no mundo, chamava-se Claramonte.

4. Ao entrar na Ordem, frei Joaquim, apesar de sua nobre ascendência e da jovem idade, como se já tivesse alcançado o mais alto grau de perfeição, realizava com amor os trabalhos mais humildes e as tarefas tidas pelos outros como desprezíveis. Movia-se de compaixão pelos aflitos⁷, servia os doentes e, com espírito devoto, cumpria pessoalmente as tarefas mais vis que aos outros causavam repugnância.

5. Amava de maneira especial a obediência, que ele tinha em conta de alimento de sua alma, como dizia o Salvador: "Meu alimento é fazer a vontade do meu Pai que está nos céus"⁸.

Certo dia, alguns irmãos leigos, a mando de frei Filipe, estavam limpando o claustro. Punham o lixo em cestos, que depois carregavam nos ombros para fora. Enquanto assim trabalhavam, eis que chegaram algumas pessoas importantes em companhia de Bernardo, por graça de Deus bispo de Sena⁹. Envergonhados, os irmãos largaram os cestos e foram embora. Frei Joaquim, que se juntara a eles no trabalho,

embora não tivesse sido mandado, continuou tranqüilamente a carregar os cestos e levou a cabo sozinho o que fora ordenado aos outros.

6. Mais tarde, o bem-aventurado Filipe mandou-o para o convento de Arezzo¹⁰. Há um ano aí se encontrava quando, certa vez, ao percorrer aquela região em companhia de frei Aqüisto de Arezzo¹¹, homem de grande reputação, sobreveio uma chuva torrencial e caiu a noite. Procuraram abrigo numa hospedaria, onde havia um doente que há anos sofria de grave enfermidade. Ao ouvir os seus lamentos, Joaquim lhe disse: "Tem paciência, irmão, porque esta doença será para ti causa de salvação". Ao que o doente replicou: "Bom frade, é mais fácil louvar a enfermidade nos outros do que carregá-la na própria carne". Diante disso, Joaquim respondeu: "Suplico ao Deus todo-poderoso que te livre da doença e a faça cair sobre mim, seu servo, de sorte que eu não possa livrar-me dela, a não ser com a morte. Trarei assim para sempre em meu corpo os sofrimentos de Cristo"¹². Logo o doente levantou-se totalmente curado e frei Joaquim carregou consigo pelo resto da vida essa grave enfermidade. Alcançou, assim, de fato, a coroa do martírio.

7. Na festa da Assunção de Maria, frei Joaquim, enquanto servia como subdiácono¹³ na missa solene, diante de todos os irmãos e do supracitado bispo da cidade, no momento da elevação do Corpo do Senhor, sofreu um ataque epilético. Soltou a vela acesa que tinha nas mãos e caiu por terra. Um anjo do Senhor - como piedosamente se presume - veio em seu socorro e segurou a vela até que outro o substituísse. O fato é que a vela permaneceu levantada e acesa até que o Corpo de Cristo fosse recolocado sobre o altar.

8. Quando os frades da comunidade de Sena souberam que ele sofria de tal enfermidade, pediram ao prior geral que o mandasse de volta para a sua cidade natal, onde poderia ser atendido melhor. E assim foi que ele voltou para Sena. Certo dia, estando ele a rezar diante do altar, os frades que se encontravam no coro viram uma labareda de fogo pairar sobre a sua cabeça. Temendo que houvesse caído sobre ele uma fagulha do círio ou de alguma vela acesa, acorreram prontamente. Um milagre inaudito aconteceu então diante dos seus olhos. A chama transformou-se numa bola de fogo que se foi elevando para o alto até desaparecer. Admirados, todos puseram-se a louvar a Deus todo-poderoso.

9. Certo dia, durante a refeição, estando à mesa com os irmãos, sofreu de improviso um ataque epilético. Não estando presa ao assoalho, a mesa virou, jogando ao chão pratos e talheres. Outro milagre inaudito: nada se quebrou, nenhum alimento se perdeu e nem sequer o vinho e a água se derramaram. Diante disso, os frades começaram a considerá-lo como um verdadeiro santo.

10. Outra vez, depois de passar o dia perambulando e recitando salmos junto à carvoeira que ficava fora dos muros da cidade, por descuido, acabou aí ficando a noite toda, porque o guardião do local, ignorando a sua presença, havia fechado a porta da cidade. Permaneceu o tempo todo de joelhos, com os braços levantados para o céu. Devido ao frio, seus joelhos ficaram de tal forma congelados que ele não podia levantar-se do chão. Pela manhã, ajudado pelos confrades, levantou-se sem dificuldades. Recobrou o movimento das pernas e não sofreu qualquer seqüela.

11. Havia naquele tempo um homem possuído pelo demônio. Era tão violento e furioso que não havia corda que o prendesse. Quebrava tudo o que lhe aparecia pela frente¹⁴. Algumas pessoas o levaram a força até o convento dos frades Servos de Santa Maria. Mas ele gritava: "Nenhum de vós me fará sair!" Frei Adriano¹⁵, prior do convento, que aí se encontrava com outros frades, mandou chamar frei Joaquim e pediu que, em nome de Deus, expulsasse o demônio. Frei Joaquim no início negou-se a fazê-lo, dizendo: "Eu também sou um grande pecador". Mas depois, obedecendo ao prior, aproximou-se do pobre homem e disse: "O demônio, eu te ordeno em nome de Deus, afasta-te desta criatura do Senhor e jamais volte a molestá-la". Com grande alarido, o demônio saiu dele, deixando-o semimorto¹⁶. Ficou quase uma hora deitado no chão. Depois, livre e curado, levantou-se. Nunca mais o demônio se aproximou dele.

12. Algo parecido aconteceu com um leigo muito piedoso de nome Panho¹⁷. Ele sofria de um tipo de hérnia tão grave que os intestinos lhe caíam para fora. Procurou o bem-aventurado Joaquim e suplicou-lhe que intercedesse por ele. Joaquim, achando-se indigno de fazer tal coisa, num primeiro momento recusou-se a atendê-lo. Mas depois, dobrado pela insistência do doente, traçou o sinal da cruz sobre a parte afetada e, no mesmo dia, o homem ficou completamente curado.

13. Frei André de Castel della Pieve¹⁸, frade da nossa Ordem e santo religioso, sofria com muita freqüência de dores nas costas. Encontrando-se em Sena de passagem, teve um forte ataque de dor. Pediu então ao bem-aventurado Joaquim que orasse por ele. Movido de compaixão e caridade, frei Joaquim rezou por ele e as dores cessaram imediatamente. Frei André viveu mais 30 anos e nunca mais voltou a ser molestado pela doença.

14. Uma tia de frei Joaquim, mulher consagrada a Deus, trouxe-lhe certa vez uma menina bonita de rosto, mas com uma grave inflamação no pescoço, que a desfigurava totalmente. Pediu ao bem-aventurado Joaquim que traçasse o sinal da cruz sobre o pescoço dela. Ele fez como a tia pediu e a menina voltou para casa curada.

15. Era tão dado à contemplação que, às vezes, fixando os olhos no céu, como se já lá estivesse, não via as pessoas ao seu redor, nem tampouco as ouvia quando o chamavam.

Os passarinhos lhe obedeciam, vinham pousar em suas mãos e aí ficavam até que ele os pusesse de novo a voar. Junto com eles, louvava o Criador de todas as coisas¹⁹. Muitas são as pessoas que podem confirmar o que acabo de dizer a respeito dos passarinhos. Eu mesmo, que escrevo a sua vida, também fui testemunha disso. Jamais foi visto ocioso.

16. Certa vez, ao sofrer outro ataque de epilepsia, caiu escadaria abaixo. Feriu seriamente a cabeça e acabou perdendo muito sangue. Os frades mandaram logo chamar o médico. Quando este chegou, foram buscar frei Joaquim no quarto e o encontraram louvando a Deus de braços erguidos e com a face radiante de alegria. Ignorando que já tinha sido curado pela graça divina, levaram-no ao médico, o qual, não encontrando nele nenhum sinal de ferimento, disse: "Este homem não tem ferimento algum". Diante disso, os frades deram graças a Deus.

17. Aproveu ao Deus Altíssimo premiá-lo com mais uma coroa, permitindo que outra enfermidade se abatesse sobre ele. Apareceram-lhe no corpo algumas chagas que lhe corroíam a carne até os ossos. Procurou de todas as maneiras ocultar a doença aos confrades. Quando estes descobriram, moveram-se de compaixão por ele e pediram-lhe que rogasse ao Senhor para que o libertasse do mal. Mas frei Joaquim respondeu: "Queridos irmãos, de nada me serve pedir isso a Deus, porque essa doença permite-me expiar os pecados, fortalecer a minha alma e dizer como o apóstolo Paulo: «Quando sou fraco, então é que sou forte»"²⁰.

18. O Senhor lhe revelou que a morte estava próxima. Ele rogava ao Altíssimo que o levasse deste mundo no mesmo dia da morte do Salvador. Na Quinta-feira Santa, véspera do seu passamento deste mundo, estando os confrades reunidos à sua volta para celebrar a Ceia do Senhor, assim lhes falou: "Irmãos queridos, estive convosco trinta e três anos, quantos o Senhor passou nesta terra. De vós recebi muitas demonstrações de carinho, e me atendestes em todas as minhas necessidades. Não sei como agradecer o que de vós recebi. O Senhor Jesus Cristo vos agradecerá por mim e vos recompensará por tudo o que fizestes em meu favor. Amanhã vos deixarei. Peço que rezeis por mim ao Senhor, para que se digne levar este pobre pecador para a sua morada. Antes de partir, quero cumprir convosco um gesto de amor". E tomou com eles um copo de vinho²¹.

19. Ao ouvi-lo dizer essas coisas, os frades pensaram que ele estivesse delirando. Na Sexta-feira Santa, pouco antes de iniciar a celebração da Paixão do Senhor, frei Joaquim mandou chamar o prior e lhe disse: "Reverendo padre, logo o Senhor me chamará para junto de si. Reuni os frades ao meu redor para que eu não me afaste deles sem vê-los. Embora ontem eu tenha participado convosco da Ceia do Senhor, dai-me os últimos sacramentos".

O prior não tomou muito a sério as suas palavras, mas tampouco podia desconsiderá-las. Por isso, deixou quatro frades com ele. Enquanto se cantava a Paixão do Senhor, frei Joaquim pôs-se a rezar. Ao chegar às palavras: "inclinando a cabeça, expirou"²², ele também abaixou a cabeça, elevou os olhos para o céu e, diante dos confrades que o assistiam, entregou a sua alma ao Criador²³.

20. Terminada a celebração, os frades que estavam na igreja, informados pelos outros, foram ao seu quarto e o encontraram já morto. Beijaram o seu santo corpo e rezaram por ele. Dois dias depois, sepultaram-no solenemente na igreja. Seus confrades nada relataram sobre a sua vida santa e os milagres operados por vontade de Deus.

Mantiveram silêncio sobre essas grandes coisas para que o próprio Senhor desse a conhecer, a seu tempo, esse tesouro escondido na terra²⁴, e o povo sofredor fosse agraciado pela ação mediadora de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual sejam dadas honra e glória para sempre.

21. O bem-aventurado Joaquim morreu no ano do Senhor de 1305 e, a partir de 1310, o Senhor começou a operar milagres por seu intermédio.

Este foi o primeiro milagre, ocorrido cinco anos depois de sua morte. Muita gente se reunira em maio para ganhar a indulgência de São Galgano²⁵. Perto do fogo, porque era frio, as pessoas começaram a falar sobre a vida e os milagres do bem-aventurado Ambrósio de Sena²⁶, do bem-aventurado Pedro Pettinaio²⁷ e de outros homens santos já falecidos, que tinham conhecido e vivido no seu tempo. A certa altura, uma pessoa

começou a fazer grandes elogios ao bem-aventurado Joaquim e a colocá-lo acima de todos, dizendo-se grandemente maravilhado que Deus não fazia milagres por seu intermédio.

Estava aí sentado com eles um irmão leigo²⁸ que tinha uma doença muito grave conhecida por linfogranuloma inguinal. A língua se havia inchado, formando-se no local um grande abscesso. Ele estava amedrontado porque, no dia seguinte, o médico operaria o abscesso. Ao ouvir falar da vida santa e milagrosa do bem-aventurado Joaquim, dirigiu a ele sua mente e sua oração, e fez esta promessa: "Ó santo pai Joaquim, se é verdade o que ouço a teu respeito, roga a Deus todo-poderoso para que comece a mostrar em mim os teus milagres. Prometo fazer propaganda de ti e te oferecerei uma estátua de cera com a minha imagem".

No dia seguinte, chegou o médico para fazer a incisão, retirou os panos e constatou que ele estava totalmente curado do mal, como se nunca tivesse estado doente. O irmão, então, carregando consigo a estátua de cera, foi ao convento e relatou o milagre.

22. Depois disso, no dia de Pentecostes²⁹, enquanto frei Nicolau de Sena pregava no convento depois da reza de Noa, trouxeram uma mulher possuída pelo demônio. O pregador estava falando do milagre acima relatado, quando o demônio, pelos lábios dela, começou a gritar em alta voz dizendo: "Chegou a hora da minha saída e da libertação de Cristianella".

Terminada a pregação, juntou-se uma grande multidão, porque a mulher era muito conhecida. Os frades esconjuravam o espírito mau para que dissesse por que os outros santos, a cujo túmulo fora levada, não tinham conseguido expulsá-lo. E ele respondeu: "Porque Deus reservou para esse santo o milagre, e assim foi do agrado de sua sabedoria divina". Solicitado a dar um sinal de que sairia da mulher, disse: "Quando eu for, quebrarei a lâmpada e deixarei Cristianella como morta". E assim aconteceu.

Depois a mulher, que era simples e sem instrução, começou a falar de maneira perfeita e sem erros gramaticais. E o demônio acrescentou: "Despojai-a das vestes, cortai-lhe o cabelo e pendurai-o no sepulcro do santo como sinal do milagre; do contrário, eu tenho o poder de entrar nela de novo". E assim se fez.

23. Um homem caminhava tranqüilamente pela estrada quando foi atingido por uma pedra caída do alto e ficou gravemente ferido. O chapéu e a cabeça ficaram totalmente ensangüentados e o sangue corria abundante. A dor era muito forte.

Com toda a devoção de que foi capaz, invocou o bem-aventurado Joaquim. O médico, chamado às pressas, examinou o homem e constatou que não havia nenhum sinal de ferimento, a não ser a cabeça e o chapéu molhados de sangue.

Então esse homem depositou o chapéu e a pedra no túmulo do bem-aventurado Joaquim, junto com uma estátua de cera do seu tamanho.

24. Em Sena, no distrito de Pantaneto, um menino de seis anos caminhava pela estrada, comendo um pedaço de pão, como costumam fazer as crianças. De repente, um cachorro que por aí passava, avançou sobre ele para roubar-lhe o pão e acabou mordendo a mão e arrancando um dedo.

Os pais do menino, que assistiam a cena, depois de cuidar da ferida, com toda a devoção do coração, invocaram o bem-aventurado Joaquim. Dia seguinte, o médico, chamado para fazer os curativos, notou que outro dedo inteiro se havia formado no lugar daquele que fora totalmente arrancado.

Os pais então, em lágrimas, levaram o menino ao túmulo do bem-aventurado Joaquim, onde deixaram como oferta um dedo de prata.

25. Havia um homem na paróquia de São Salvador que tinha um barril de vinho puro e de ótima qualidade, que ele queria vender para suprir às suas necessidades. Convidado pelos amigos para a festa do bem-aventurado Joaquim, disse: “Não vou, não quero ir à festa de um bobo que seus confrades dizem ser santo só para fazer dinheiro. Antes, hoje de manhã vou abrir e barril e vender o meu vinho”.

No entanto, quando começou a tirar o vinho, notou que estava completamente sujo como fezes e com um sabor azedo e desagradável, ao passo que antes era límpido e de ótimo sabor. O homem, envergonhado porque o barril era grande e de muito valor, lembrou-se das palavras estúpidas que havia proferido contra o santo. Então, ofereceu o vinho ao bem-aventurado Joaquim com esta promessa: se o vinho recuperasse a limpidez e o sabor de antes, ele doaria aos frades um frasco de dois litros, e ao bem-aventurado Joaquim, um pequeno barril feito de cera. E o milagre aconteceu!

No dia seguinte o vinho ficou mais limpo e mais saboroso ainda que antes. O homem, então, todo feliz, agradeceu a Deus e cumpriu a promessa feita.

26. Um camponês que estava passando pelo bosque de Leceto, deparou-se com uma serpente enorme de cor escura. Era pleno verão e a serpente rastejava sem medo com a cabeça levantada. O camponês avançou contra ela com um bastão e a atingiu no dorso. Mas ela se arremessou contra ele e picou-lhe perna, injetando veneno. O camponês voltou para casa e a perna começou a inchar.

Ele era devoto do bem-aventurado Joaquim, porque um parente havia sido curado da febre pela intercessão do santo. Prometeu, então, ao bem-aventurado Joaquim que, se ficasse curado, lhe ofereceria uma perna de cera, segundo as suas possibilidades, porque era pobre.

Adormecendo, viu um frade com o hábito dos Servos de Maria que lhe dizia: “Deixa-me ver a perna, que eu vou curá-la. Eu sou o bem-aventurado Joaquim que tu invocaste”. Enquanto o frade lhe tocava a perna, acordou-se: ele, que havia adormecido enfermo, viu-se completamente curado. Agradeceu a Deus e cumpriu a promessa.

27. Uma mulher tinha um filho único, de três anos, que ela muito amava. Devendo ir à igreja, deixou o filho na cama dormindo. O menino acordou-se e, vendo que estava sozinho, pôs-se a chorar. Quis pular da cama, mas caiu no chão e quebrou o braço direito.

Ao voltar a da igreja, a mãe entrou em casa e ouviu o choro do menino. Acudiu depressa e encontrou-o semimorto no chão. Ajuntou a criança, recolocou-a na cama e mandou chamar o médico. Seu marido estava viajando e ela temia que, na volta, ele ficaria muito sentido ao ver o filho naquelas condições, devido à falta de cuidados da mãe. Por isso, prometeu ao bem-aventurado Joaquim que, se curasse a criança antes da volta do marido, lhe ofereceria uma estátua de cera do tamanho do filho. No dia seguinte, quando o médico chegou, o braço estava tão firme como se nunca tivesse sofrido fratura.

28. Um cavaleiro chamado Guilherme encontrava-se em Sena quando o bem-aventurado Joaquim começou a fazer milagres. Expulso com seus companheiros da comuna de Sena, foi para Bolonha. Nessa cidade, ele possuía um cavalo forte, que não tolerava freio e defendia-se com coices e mordidas. Um dia, como o escudeiro não conseguisse dominá-lo, ele mesmo pegou o freio e aproximou-se do cavalo para colocá-lo na boca. Mas o cavalo reagiu com um violento coice no peito de Guilherme, atirando-o ao

chão quase morto. O médico, chamado às pressas, constatou que quase todas as costelas estavam quebradas.

O cavaleiro lembrou-se então dos milagres do bem-aventurado Joaquim, que tinha presenciado em Sena. Com grande devoção, lhe prometeu: se ficasse curado, colocaria sobre o altar do santo uma estátua de cera representando um cavalo com ele montado. Logo começou a sentir-se melhor. Poucos dias depois, estava completamente recuperado. E cumpriu integralmente a promessa feita.

29. Na cidade de Forli, um nosso frade tinha acabado de pregar ao povo sobre os milagres do bem-aventurado Joaquim e o povo começou a sentir grande devoção por ele.

Poucos dias depois, realizava-se na praça central da cidade um grandioso espetáculo de jogos populares. Um menino de cinco anos, neto do Sr. Tiago della Porta, estava com outros meninos olhando pela janela. Distraído como toda criança, expôs-se demais e precipitou da janela de cabeça para baixo, de uma altura de cerca de trinta braças³⁰. A multidão, que acorreu em socorro do menino, constatou que ele caiu de pé, leve como uma pluma. De fato, a mãe do menino, que estava em outra janela, ao vê-lo cair, invocou o bem-aventurado Joaquim. Ela tinha acabado de ouvir a pregação que o nosso frade havia feito sobre os milagres do santo homem.

Perguntaram então ao menino como estava e ele respondeu: "Estou bem, porque um frade da Ordem dos Servos de Maria, que trazia na cabeça uma coroa esplendorosa, amparou-me em seus braços na queda e me fez pousar suavemente os pés no chão".

Então o Sr. Tiago, avô do menino, homem religioso e honrado, mandou pintar solenemente a imagem do bem-aventurado Joaquim em três pontos da cidade e mandou colocar no altar dele, em Sena, uma estátua de cera. E, com toda a família, sempre foi devoto do bem-aventurado Joaquim.

30. No condado de Arezzo, um homem chamado Bártolo, que estivera em Sena naqueles dias, ouviu falar dos milagres e da vida do bem-aventurado Joaquim. Um dia, ao cortar uma árvore, manobrou incautamente o machado e atingiu de cheio o pé esquerdo, provocando um corte profundo em toda a extensão do pé. Sentindo dores lancinantes, pôs-se a gritar: "São Joaquim, ajuda-me!".

Enquanto preparava a cavalgadura para ir à cidade em busca de socorro médico, percebeu que a dor no pé tinha desaparecido por completo. Pisou firme no chão e sentiu que podia apoiar-se no pé. Tirou então as faixas que a mulher lhe tinha aplicado com estopa e clara de ovo e viu a ferida completamente fechada e curada. Havia apenas duas cicatrizes, uma em cada ponta, talvez como sinal do milagre.

Junto com outras pessoas do seu povoado, foi a Sena e relatou aos frades o milagre, do qual foi mandado lavrar um documento público. Depois, colocou sobre o túmulo do santo uma imagem de cera bastante grande, do formato de uma perna com o pé.

31. Um menino de seis anos estava colhendo flores à beira de uma fossa d'água. Como soem fazer as crianças, ele se expôs demais e caiu na fossa. Sem defesa, acabou afundando na água e aí ficou quase uma hora. A mãe do menino passou pelo local e admirou-se de ver a água toldada. Ficou olhando e, de repente, como acontece quando alguém se afoga, um menino veio à tona. Viu que era seu filho e deu um forte grito. O pai da criança, que estava trabalhando na horta, correu às pressas, tirou da água o filho, que todos já davam como morto. Ele então, junto com a mulher, o ofereceu ao bem-aventurado Joaquim.

Mais de uma hora o menino ficou sem vida e sem respirar. Depois, começou a mexer a cabeça. O pai então o segurou de cabeça para baixo e o menino expeliu toda a água e recuperou a vivacidade de antes. Em seguida, os pais o levaram ao convento dos frades e deram graças ao bem-aventurado Joaquim.

32. Havia na cidade de Florença um homem chamado Lipo, da fraternidade dos Servos de Maria³¹. Ele sofria de grave enfermidade no baixo ventre e tinha os intestinos caídos para baixo, o que lhe provocava fortes dores. Por isso, prometeu ao bem-aventurado Joaquim que iria a pé até Sena, se o libertasse por sua intercessão, e ofereceria uma imagem de cera da sua estatura e uma lâmpada para o Santíssimo Sacramento do Corpo de Cristo.

Na manhã seguinte, levantou-se e viu-se totalmente curado. Jamais voltou a sofrer de novo daquela enfermidade e viveu por mais de vinte anos. Por isso, foi até Sena a pé e cumpriu fielmente o que tinha prometido.

33. Na cidade de Massa Marittima, um homem foi condenado à decapitação, depois ter sido preso por falsas acusações levantadas contra ele. No cárcere, profundamente triste por ter sido condenado injustamente, o homem lembrou-se do bem-aventurado Joaquim e de muitas coisas que ouvira dizer a respeito dele em Sena, quando estava hospedado num albergue de Borgo San Maurizio. Recordando esses milagres, com muita devoção, fez esta promessa: se fosse libertado da morte e do cárcere pelos méritos do bem-aventurado Joaquim, depositaria as cadeias que o prendiam no altar do santo e mandaria construir um cárcere de cera, tendo no seu interior a sua imagem.

De repente, os guardas, dominados por um sono profundo, deixaram abertas as portas do cárcere e, por vontade de Deus, adormeceram. Os prisioneiros perceberam e, sem nenhuma dificuldade, conseguiram evadir-se. Não só ele, portanto, mas todos os outros também. Por isso, ele foi de pé no chão até Sena, carregando nas mãos as cadeias pela cidade até o convento dos frades e mandou construir um pequeno cárcere de cera, como havia prometido.

34. Na paróquia dos frades Templários, em Camollia³², uma mulher sofria de cataratas nos olhos. Embora tivesse recorrido a vários médicos, a doença piorava sempre mais³³. Tinha feito promessa a muitos santos, mas em vão.

Por fim, recorreu ao bem-aventurado Joaquim, de quem até então ela havia sempre caçoado. À meia-noite, o santo homem apareceu-lhe e disse: "Tu me conheces?" E ela respondeu: "Não, senhor". E ele acrescentou: "Eu sou o bem-aventurado Joaquim, aquele de quem até hoje tu sempre caçoaste. Por isso, a bem da verdade, não serias digna de receber essa graça de Deus. Mas para que tu saibas que eu estou no céu e não te rias mais de nenhum santo, obtive de Deus a graça da tua saúde. Levanta-te, pois, estás curada e doravante procura viver retamente".

Ao acordar-se, ele se viu curada, agradeceu a Deus e arrependeu-se do mal feito. Foi ao convento dos frades e relatou o fato.

35. Deste nosso venerável frei Joaquim contam-se e podem ser escritas muitas coisas. Estas foram escritas para nossa informação e ensinamento, para que creiamos e, pela intercessão da Virgem e dele, tenhamos vida, crendo³⁴ naquele com quem Deus vive e reina pelos séculos dos séculos. Amém!

-
- ¹ Até o século XVII dizia-se que o bem-aventurado Joaquim pertencia à família dos Pelacani. Com a extinção dela, passou-se a considerá-lo descendente da família dos Piccolomini.
- ² Na vida de um servo, neste caso de um futuro Servo de Maria, qualquer ato adquire uma conotação Mariana, embora seja um simples gesto de misericórdia.
- ³ Cf. SI 92,23-24.
- ⁴ São dois termos do Direito feudal: *obsequium* (ato de obediência ao senhor ou soberano) e *mancipium* (ato jurídico que dá direito formal à propriedade de um objeto ou uma pessoa). Aqui são usados para explicar o significado do nome de "Servos de Maria". Cf. LO, 18 e 21.
- ⁵ A fundação do convento de Sena remonta a 1250.
- ⁶ São Filipe Benizi foi eleito prior geral no capítulo de 1267.
- ⁷ Rm 12,25.
- ⁸ Jo 4,34.
- ⁹ Bernardo foi nomeado bispo de Sena em 24 de maio ou em 2 de junho de 1273.
- ¹⁰ O convento de Arezzo foi fundado entre 1263 e 1265.
- ¹¹ Estava ainda vivo em 1320.
- ¹² 2Tm 3,5; 2Cor 4,10; Cl 1,24.
- ¹³ Por "*subdyaconus*" entenda-se o ministro "acólito", isso é, aquele que segurava na mão direita uma vela acesa durante a elevação da hóstia. O costume de elevar a hóstia consagrada, de manter uma vela acesa e de tocar a campainha, foi introduzido na liturgia por volta do final do século XII.
- ¹⁴ Mc 5,3-4; Lc 8,29.
- ¹⁵ Um certo frei Adriano consta no registro de entradas e saídas do prior geral, frei Lotaringo de Florença, em 1290 (*Monumenta OSM*, II, p. 141). Frei Adriano foi prior do convento de Sena em 1297 (*Monumenta OSM*, V, p. 10, nota 1).
- ¹⁶ Mc 9,26.
- ¹⁷ O nome de Panho Bruni consta num documento de Sena de 3 de dezembro de 1298 (*Monumenta OSM*, V, p. 10, nota 2).
- ¹⁸ Hoje se chama Città della Pieve.
- ¹⁹ Influência da hagiografia franciscana. Cf., por exemplo, Tommaso da Celano, *Vita seconda*, cap. 126 (in *Fonti francescane*, p. 687).
- ²⁰ 2Cor 12,10.
- ²¹ O vinho, partilhado com a comunidade, é, sem dúvida, uma alusão à Eucaristia, que é "praticar a caridade" com os irmãos. De fato, no número seguinte diz-se explicitamente que eles haviam celebrado juntos a Eucaristia da Quinta-feira Santa: "embora ontem eu tenha participado convosco da ceia do Senhor...".
- ²² Jo 19,30; Mt 27,50.
- ²³ Sobre a morte do B. Joaquim na Sexta-feira Santa, cf. *Introdução*
- ²⁴ Mt 13,44.
- ²⁵ São Galgano de Chiusino, eremita de Montesiepi, morto em 3 de dezembro de 1181. A ele está dedicada a abadia cisterciense de São Galgano, cerca de 33 quilômetros a sudeste de Sena.
- ²⁶ Ambrósio Sandenoni, dominicano (1220-1286), famoso pregador.
- ²⁷ Pedro Pettinaio, natural de Campi di Chiusi, casado, terciário franciscano, tinha uma venda de pentes em Sena. Morreu em 1289. Sobre esses dois beatos, cf. A. VAUCHEZ, *Ordini mendicanti e società italiana XIII-XIV secolo*, p. 194-201.
- ²⁸ O texto italiano usa o termo "conversi", que designava então os religiosos leigos, que tinham todas as obrigações essenciais da vida religiosa, menos o ofício litúrgico, ou também os oblatos e oblatas conventuais.
- ²⁹ Dia 7 de junho de 1310.
- ³⁰ Uma braça equivalia mais ou menos a meio metro.
- ³¹ Lipo pertence à Confraria mariana dos "Louvadores", ligada ao convento dos Servos de Maria de Florença, à qual, em 4 de junho de 1273, São Filipe envia uma carta concedendo a participação nos bens espirituais da Ordem. Cf. A. M. DAL PINO, *Madonna santa Maria e l'Ordine dei suoi Servi nel I secolo di storia (1233-1317ca)*, in "*Studi Storici OSM*", 17 (1967), p. 53-55.
- ³² Os "frades Templários" eram da Ordem dos Cavaleiros do Templo, fundada em 1118 por Hugo Payens e oito cavaleiros franceses para defender dos assaltos dos bandidos os peregrinos que se dirigiam a Jerusalém. O nome "Templários" deriva da sua primeira sede numa ala da igreja-mesquita de Al Aqsa, na esplanada do Templo de Salomão. Praticavam a castidade, a pobreza pessoal e a obediência e combatiam os infiéis. A Ordem foi suprimida em 1312 pelo Concílio de Viena.
- ³³ Mc 5,26.

³⁴ Jô 20,30-31.